

A história desconhecida do desencontro com o poder do filho de um dos homens poderosos de Portugal: Pedro Paulo de Azeredo Perdigão, o filho da Gulbenkian.

Semanário
9/11/91

Pedro Paulo, o filho da Gulbenkian



Pedro Paulo e Ana Maria: a união perfeita

Pedro Paulo de Azeredo Perdigão que, há uma semana, saiu do anonimato perante a grande opinião pública com a crise que abala a Gulbenkian, é, segundo seu pai costumava dizer aos familiares, «um filho rebelde, mas um encanto de rapaz».

Nasceu e foi criado em circunstâncias invulgares para uma criança portuguesa: a mãe é cerca de 30 anos mais nova do que o pai e este tem 66 anos quando ele nasce. Além de que é criado no lar de um dos homens mais importantes do nosso País, neste século, que estava no apogeu do seu poder quando casou pela segunda vez — com Madalena — e que, tal como sua mulher, tinha uma vida absorvida por múltiplas ocupações.

Pedro Paulo é o «menino de ouro» de tão peculiar casal — como se fora um príncipezinho. Foi educado por uma perceptora suíça — enquanto a mãe e o pai, «sempre preocupados» com o seu crescimento e educação, estiveram ausentes, «mas só fisicamente», de parte substantiva da sua infância e adolescência, devido aos seus imperativos profissionais e de representação social.

Pedro Paulo foi assim, a um tempo, desvelado, mas — como criança nascida nos anos 60, num meio social muito elevado — gozou sempre de particular liberdade de acção. O seu carácter é descrito de um modo muito curioso e algo semelhante — num tom de marca-da afectividade — por familiares e por funcionários da fundação. «É um rapaz muito impulsivo, às vezes cabeça no ar e estouvado»; «é uma pessoa profundamente preocupada com os outros»; «é muito marcado pela sua origem e especialíssimas condições familiares».

Um tipo generoso

Na Gulbenkian os mais simples funcionários gostam dele: é que Pedro Paulo sempre teve uma genuína e efectiva preocupação para com as aflições dos necessitados. Nunca deixou ninguém «pendurado» — e não só materialmente falando. Os amigos de colégio e de faculdade lembram que, quando ele tinha dinheiro «tinhamos todos, se fosse preciso», do mesmo modo e com a mesma franqueza com que às vezes dependia de outros quando estava «completamente teso». Era, no

entanto, um pouco bizarro. Quando ia de moto só tirava o capacete nas aulas e passeava-se com ele nos corredores, andava muitas vezes com calças de ganga rotas e não se importava de aparecer desleixado — lembram antigos colegas.

Os que o conhecem, acham que ele é afectivamente carente e, eventualmente, passível de manipulação. Licenciou-se em Direito pela Universidade de Lisboa, tendo-se transferido da Universidade Católica. Depois foi para o Colégio da Europa, em Bruges, Bélgica, onde se pós-graduou em Estudos Europeus.

Filho de quem é — José de Azeredo Perdigão foi dos primeiros entre os mais notáveis advogados portugueses em todo este século e à sua perícia forense e saber jurídico deve o ter sido o testamenteiro de Calouste — Pedro Paulo teria de ser particularmente talentoso para não sofrer com a comparação com o pai. Mas, aparentemente, não se aproxima desse estatuto de genialidade. Esse seu «pecado» é-lhe, assim, sempre correlativamente apontado — o que não aconteceria com qualquer outro homem jovem de origem mais «normal».

O problema, porém, é que Pedro Paulo não goza dessa condição de vulgaridade e, ao que parece, também não se pensa como um vulgar entre os vulgares mortais. «Mesmo sem querer, ele é como se fosse o filho e herdeiro do "dono" da Gulbenkian — e isso conduz sempre a um certo desfazamento com a realidade», comenta uma fonte da fundação.

Na sua vida pessoal teve altos e baixos. Mas durante os 29 anos da sua existência a ligação ao lar paterno é uma constante. Na prática, é como se fosse filho único. O irmão e a irmã, trinta anos mais velhos, mantêm uma ligação muito mais distante com o pai. Ele sempre viveu com os pais — exceptuando o período em que esteve na Bélgica. Mas então telefonava amiúde ao pai, com quem resolvia problemas técnico-académicos e de adaptação à linguagem jurídica francesa.

A outra pessoa mais importante na vida de Pedro Paulo é a sua mulher, Ana Maria, uma sua afeição antiga. Têm origens sociais semelhantes. Mas são pessoas muito diferentes. «É um raro acontecimento de complementaridade» — comenta um familiar. Ela

sempre o apoiou, desde a faculdade. Julga-se que terá estado particularmente atenta durante todo este já longo período de tensões na fundação e que terá intervenido quando viu que as malhas se teciam no sentido de prender o marido em sérios apuros. A sua aparição constante a seu lado em momentos de mais emblemática exposição como a entrevista que Pedro deu à televisão, ou em alturas decisivas, como a visita de Leonel Gaspar à casa do Estoril, não é, assim, mero acaso ou figura de corpo presente. Aliás, o próprio marido reconhece as capacidades e bom senso da mulher — e a vida do casal é de profunda harmonia. Têm uma filha de um ano, Madalena, como a avó materna.

Pedro Paulo de Azeredo Perdigão não vive só sob a tensão das guerras da fundação. Vive, também, na recordação e na ameaça de dramas bem mais pessoais e íntimos. Há meses que vive diariamente as dificuldades de saúde de um pai que vai na invulgar idade de 95 anos. E no próximo dia 5 de Dezembro, faz dois anos que morreu a sua mãe.